

O Artesanato Como Material Educativo Na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha, Comunidade Morro

Dionildo Damazio Galvão, Danielle Da Silva Trindade, Marcos Vieira Araujo

*Graduando Do Curso Licenciatura Indígena Cultural Da Ufr
Orientadora E Mestre Em Sociedade E Fronteiras, Docente Ufr
Co-Orientador, Mestrando Em Ciências Da Educação Pela Fics*

Resumo:

O estudo investigou o uso do artesanato como material educativo na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha, situada na Comunidade Morro, Roraima. A introdução aborda a relevância do artesanato na preservação cultural e na promoção de uma educação contextualizada, integrando saberes tradicionais ao currículo escolar. A metodologia baseou-se em práticas interativas com alunos do 6º ano, questionários e entrevistas com professores, alunos e anciãos, buscando compreender a percepção sobre o artesanato e sua aplicabilidade no ensino. Os resultados demonstraram que a utilização do artesanato favoreceu o aprendizado interdisciplinar, promovendo a sustentabilidade, o fortalecimento da identidade cultural e a preservação da língua indígena. Embora alguns alunos tivessem dificuldades iniciais, o envolvimento nas atividades práticas e teóricas ampliou o interesse e a participação. Além disso, o projeto revelou a necessidade de maior valorização do artesanato na escola e comunidade, destacando a influência negativa de fatores como a tecnologia na continuidade dessas práticas. Nas considerações finais, o estudo reafirma o artesanato como um recurso pedagógico essencial para a preservação cultural e o desenvolvimento educacional integral dos estudantes. A proposta promoveu reflexões sobre práticas educativas mais inclusivas e a importância de estratégias que integrem saberes locais com o currículo formal.

Palavras-chave: Artesanato, Educação Intercultural, Cultura Indígena.

Date of Submission: 27-01-2025

Date of Acceptance: 07-02-2025

I. Introdução

O artesanato é uma das formas mais profundas de expressão cultural, servindo como um elo entre o passado e o presente, e preservando os saberes e as tradições de uma comunidade. No contexto das escolas indígenas, como a Escola Estadual Indígena Santa Terezinha, localizada na Comunidade Morro, o artesanato ganha uma dimensão ainda mais significativa, ao ser utilizado como material educativo. Esta prática não só reforça a identidade cultural dos estudantes, mas também enriquece o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando uma educação que é ao mesmo tempo culturalmente relevante e academicamente rica. Na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha, o artesanato é integrado ao currículo de forma a abordar diversos temas trabalhados nas turmas do 7º ano, tais como história, geografia, ciências ambientais e a própria cultura indígena.

A Comunidade Morro, como muitas comunidades indígenas no Brasil, enfrenta desafios relacionados à preservação de sua cultura e à adaptação ao mundo moderno. Neste contexto, a escola desempenha um papel vital ao mediar o equilíbrio entre esses dois mundos, oferecendo uma educação que não só atende aos requisitos do currículo formal, mas que também respeita e valoriza os conhecimentos tradicionais. O artesanato, como prática educativa, emerge como um veículo essencial para essa mediação. Ele conecta os estudantes ao seu patrimônio cultural de maneira prática, ao mesmo tempo em que promove habilidades como criatividade, pensamento crítico e respeito ao meio ambiente. No 7º ano, em particular, a integração do artesanato ao ensino de diversas disciplinas proporciona uma aprendizagem holística, onde os alunos podem ver a interconexão entre a cultura indígena e os conteúdos escolares.

Na disciplina de história, por exemplo, o artesanato é utilizado para ensinar sobre as tradições e a história da própria comunidade indígena, permitindo que os alunos compreendam suas raízes e o papel que seus ancestrais desempenharam na formação da identidade cultural atual. Ao criar peças de artesanato, os alunos não apenas replicam técnicas ancestrais, mas também revivem histórias, mitos e lendas que são transmitidas oralmente pelos mais velhos da comunidade. Este processo não só reforça o aprendizado da história, mas também mantém viva a tradição oral, que é um dos pilares da transmissão de conhecimento nas culturas indígenas.

Na geografia, o artesanato é utilizado para explorar a relação entre a comunidade e seu entorno natural. Os materiais utilizados na confecção das peças artesanais, como fibras, sementes e argilas, são colhidos da natureza, e o processo de coleta ensina os alunos sobre a importância da sustentabilidade e do uso consciente dos recursos naturais. Ao mesmo tempo, eles aprendem sobre a geografia da região, os tipos de solo, as espécies

vegetais e a importância de preservar os ecossistemas locais. Assim, o artesanato se torna uma ponte entre o conhecimento geográfico e a prática cotidiana, ajudando os estudantes a desenvolver uma compreensão mais profunda e respeitosa de seu ambiente natural.

Além disso, na disciplina de ciências ambientais, o artesanato é integrado ao ensino para abordar temas como sustentabilidade e preservação ambiental. Os alunos aprendem a reconhecer a importância de utilizar materiais sustentáveis e a desenvolver práticas que minimizem o impacto ambiental. Este aprendizado é crucial, especialmente em uma comunidade que depende diretamente dos recursos naturais para sua subsistência e cuja cultura está intimamente ligada à terra. O artesanato, portanto, não é apenas uma expressão cultural, mas também um meio de educar os jovens sobre a responsabilidade ecológica e a importância da preservação ambiental para as futuras gerações.

A língua e a cultura indígenas também são elementos centrais do currículo do 7º ano na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha, e o artesanato desempenha um papel vital na sua preservação. Muitas vezes, as aulas de artesanato são conduzidas em língua indígena, proporcionando aos alunos a oportunidade de praticar e reforçar suas habilidades linguísticas em um contexto autêntico e significativo. As palavras e expressões específicas relacionadas ao artesanato, bem como as histórias e mitos que acompanham a criação de peças, são ensinadas na língua nativa, garantindo que o idioma continue a ser uma parte viva da vida cotidiana dos alunos.

Em suma, o artesanato na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha não é apenas uma atividade complementar, mas um componente essencial do currículo, que promove uma educação que é ao mesmo tempo culturalmente significativa e academicamente rigorosa. Ao integrar o artesanato ao ensino de diversas disciplinas, a escola não só enriquece o processo de aprendizagem, mas também fortalece a identidade cultural dos estudantes e contribui para a preservação das tradições e dos saberes ancestrais da Comunidade Morro. Desta forma, o artesanato se revela como uma ferramenta educativa poderosa, que prepara os alunos para enfrentar os desafios do mundo moderno sem perder de vista suas raízes culturais e sua responsabilidade para com o meio ambiente e a comunidade.

Justificativa

A escolha do artesanato como material educativo na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha, na Comunidade Morro, justifica-se pela sua relevância como instrumento de preservação cultural e promoção de uma educação contextualizada e significativa. O artesanato, profundamente enraizado nas tradições indígenas, não só expressa a identidade cultural da comunidade, como também serve como uma poderosa ferramenta de ensino que conecta os alunos ao seu patrimônio cultural, histórico e ambiental. Em um contexto em que as tradições indígenas enfrentam constantes ameaças de extinção, integrar o artesanato ao currículo escolar é uma estratégia eficaz para garantir a continuidade desses saberes ancestrais, ao mesmo tempo em que se promove o desenvolvimento integral dos estudantes.

Para os alunos do 7º ano, em particular, o artesanato oferece uma oportunidade única de aprender de forma prática e vivencial, abordando temas como história, geografia, cultura e sustentabilidade de maneira interligada e contextualizada. Esta abordagem não apenas enriquece o aprendizado, mas também fortalece a identidade cultural dos estudantes, proporcionando-lhes um senso de pertencimento e respeito por suas raízes. Além disso, ao envolver os anciãos da comunidade no processo educativo, a escola garante que o conhecimento tradicional seja transmitido de forma autêntica e que a língua indígena seja preservada e valorizada.

Portanto, a inclusão do artesanato como material educativo na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha é justificada pela sua capacidade de promover uma educação que valoriza as especificidades culturais da Comunidade Morro, ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos alunos. Esta prática educativa não só fortalece a preservação das tradições culturais, mas também prepara os estudantes para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo com uma base sólida em seus conhecimentos ancestrais.

Objetivo Geral

Promover a valorização e preservação da cultura indígena na Comunidade Morro, utilizando o artesanato como ferramenta educativa na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha, de forma a integrar os saberes tradicionais ao currículo escolar e contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos do 7º ano.

Objetivos específicos

1. Incorporar o artesanato ao ensino de disciplinas como história, geografia e artes, proporcionando uma aprendizagem contextualizada que conecta os alunos às suas raízes culturais e territoriais.
2. Desenvolver habilidades manuais, criativas e cognitivas nos alunos do 7º ano, por meio da prática do artesanato, incentivando o pensamento crítico e a valorização do uso sustentável dos recursos naturais.
3. Fomentar a preservação da língua indígena e dos conhecimentos tradicionais, através da participação de anciãos da comunidade no processo educativo, garantindo a transmissão autêntica dos saberes culturais para as futuras gerações.

gerações.

II. Referencial Teórico

O artesanato ocupa um lugar central na valorização cultural e na promoção de aprendizagens significativas em contextos indígenas. Ele não é apenas uma expressão artística, mas também um veículo para a transmissão de conhecimentos, valores e práticas ancestrais, desempenhando um papel essencial no fortalecimento da identidade comunitária e no diálogo intercultural.

Artesanato e Educação: Fundamentos Teóricos

A utilização do artesanato como material educativo pode ser compreendida à luz das teorias de aprendizagem sociocultural de Vygotsky (1978). Segundo o autor, o aprendizado ocorre de forma mediada, em interação com o meio cultural. No contexto indígena, o artesanato representa um mediador poderoso que conecta os alunos à sua herança cultural, permitindo que eles desenvolvam habilidades cognitivas e motoras enquanto exploram aspectos históricos e simbólicos de sua comunidade.

Para Freire (1996), a educação deve ser dialógica e comprometida com a realidade dos educandos. Nesse sentido, o artesanato pode ser usado como uma prática educativa que promove a conscientização crítica, ao mesmo tempo que valoriza o saber local e integra os conhecimentos tradicionais no currículo escolar. Essa abordagem reforça a noção de educação como prática da liberdade, onde a cultura é respeitada e reconhecida como parte fundamental do processo pedagógico.

A Educação Intercultural e os Saberes Locais

A educação em comunidades indígenas exige um olhar atento às especificidades culturais e aos contextos históricos. De acordo com Candau (2011), a educação intercultural deve buscar o equilíbrio entre a valorização dos saberes locais e a inserção dos alunos em um mundo mais amplo de conhecimento. O artesanato, nesse cenário, é um elemento integrador que proporciona um diálogo entre os conhecimentos indígenas e os conhecimentos formais transmitidos na escola.

Ao trabalhar com o artesanato como recurso pedagógico, os educadores podem explorar uma ampla gama de temas, como sustentabilidade, identidade cultural, habilidades manuais e empreendedorismo. Conforme aponta Barbosa (2006), o artesanato é uma forma de expressão cultural que reflete a história e os modos de vida de um povo. Na prática educativa, ele pode funcionar como uma ferramenta de resgate cultural e como ponto de partida para discussões sobre diversidade e interculturalidade.

Artesanato e Aprendizagem Significativa

A abordagem do artesanato como material educativo se alinha também às ideias de Ausubel (2003), que enfatiza a importância de aprendizagens significativas. Para o autor, a aprendizagem ocorre de maneira mais eficaz quando o conteúdo tem relevância para a realidade do aluno. No caso das comunidades indígenas, o artesanato conecta os alunos com suas experiências cotidianas, proporcionando um contexto de aprendizagem enraizado em sua cultura.

Além disso, o artesanato é um recurso prático e tangível que favorece o desenvolvimento de múltiplas competências, como habilidades motoras, criatividade e resolução de problemas. Essas competências são fundamentais para a formação integral dos alunos e para o fortalecimento de suas conexões com o meio ambiente e a comunidade.

O Papel da Escola na Valorização do Artesanato

A escola desempenha um papel fundamental no fortalecimento do artesanato como prática educativa. Segundo Gatti (2018), a escola pode atuar como um espaço de diálogo e preservação cultural, integrando práticas tradicionais ao currículo escolar. Para isso, é necessário que os educadores estejam preparados para trabalhar de forma interdisciplinar e colaborativa, envolvendo a comunidade no processo educativo.

No caso da Escola Estadual Indígena Santa Terezinha, o artesanato pode ser utilizado como um elemento central para a construção de um currículo intercultural, promovendo aprendizagens que respeitem a especificidade cultural da comunidade do Morro e contribuam para a preservação de suas tradições.

Portanto, a utilização do artesanato como material educativo vai além da simples transmissão de técnicas. Trata-se de um processo pedagógico que valoriza o patrimônio cultural, promove aprendizagens significativas e fortalece a identidade dos alunos. Ao incorporar o artesanato no cotidiano escolar, a Escola Estadual Indígena Santa Terezinha pode contribuir para a construção de uma educação mais inclusiva, intercultural e enraizada nos saberes locais.

III. Contexto Da Pesquisa: Breve Histórico Da Comunidade Morro

A Comunidade Indígena do Morro é da etnia Macuxi, professa a religião Católica, localiza-se no norte do estado de Roraima, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, Região das Serras, Município de Uiramutã. Está localizada a 375 KM da capital de Boa Vista, a mesma faz divisa com a comunidade de central, ao sul com a comunidade de Sawí, ao leste com um lugar chamado Quém, e a oeste com a comunidade de Santa Tereza.

De acordo com a pesquisa feita nos anciões da comunidade centro Morro, entre a década de 1910 a 1930 no XX, havia um pai de família que morava na região ocupando os lugares próximo da Comunidade Indígena Morro. Ele era chamado de Waikuari e teve um filho chamado de Ximure. E conseqüentemente Ximure teve um filho chamado de Xambure, e assim foi se proliferando.

Nessa época os Indígenas falavam fluentemente as suas línguas nativas, pois ainda não sabiam falar nem entendiam a língua portuguesa. Eles migravam de um lugar para outro. Xambure, filho de Ximure que construiu sua casa em cima de um teso próximo de um lugar e do Igarapé aya' wítî, em português chama-se de igarapé do asabár. Depois de alguns anos, migraram rumo ao norte na cabeceira do igarapé iuka, que fica próximo da atual Comunidade Indígena Warapaata. Com o passar do tempo, passaram para o lugar chamado de Nosan pîka próximo da serra do cuscuz. Toda vez que ocupavam um determinado lugar, faziam suas roças para fazer seus plantios, produtos alimentícios como: mandioca, milho, batata, cana, caçavam, pescavam para sustentar suas famílias. Durante a trajetória da migração nasceu uma mulher, que chamaram de Maria.

Depois de um tempo, a família continuou a caminhar à procura de outro lugar para morar, e chegaram até um lugar que chamava de ike ye'ken, na boca do igarapé de espora. Neste lugar observaram que não havia materiais para construir as casas principalmente na parte da madeira; por isso logo depois migraram para outra região, para um lugar que se chamava de yo'maka, na margem direita do igarapé jiju roxo. Nesta ocasião, construíram suas casas para moradia e fizeram roças e plantaram seus produtos como mandioca, milho, batata, cana, abacaxi para sobreviver. As famílias alimentavam-se de frutas nativas: como jenipapo, taxi, jaraf e mirixi.

Neste lugar, nasceu o senhor Francisco Lino, que se chamava Amooko xi'na. A família continuou com a migração, até chegar num lugar chamado de pinkîpona, que ficava em cima de um teso onde existem queixadas transformada em pedra, próximo à atual Comunidade Indígena do Morro. A partir desse tempo, a família foi aumentando depois de longo tempo, chegou o primeiro homem branco, identificado como 'português'. Ele era fazendeiro e ao mesmo tempo era garimpeiro, pois vivia procurando e pesquisando minérios, como diamante e ouro, este homem foi o primeiro a chegar na região até o mutum.

Nessa época os indígenas que habitavam o lugar não sabiam falar a língua portuguesa muito menos os significados das palavras do português e eram medrosos, pois nunca tinham visto o homem branco. Entre si os indígenas falavam somente a língua indígena e por causa disso, ele nomeou o Xamburé, como tuxaua na sua língua portuguesa. Ao passar do tempo, chegou outro homem branco conhecido como 'tenente', um fazendeiro que situou sua casa no lugar chamado 'mina seca', localizado próximo a atual Comunidade Indígena de Bom Futuro.

Os indígenas que estavam ocupando no teso da "queixada", pinkî ipin po continuaram fazendo seus trabalhos, eles viviam com tranquilidade com seus familiares caçando e pescando sempre vivenciando seus costumes, suas rezas, suas danças, suas tranças e mantendo viva suas culturas tradicionais. O fazendeiro conhecido como "tenente" fazia a viagem para mutum levando consigo as mercadorias na carroça de boi, passando pela casa de Xambore no teso da "queixada", pinkî ipin po, aparte de lá o Xambore ficou conhecido como Tuxaua Lino.

Ele faleceu e deixou seus filhos que são: Ernesto, Cecília, Maria, Alcinda e Francisco. Nessa época havia um líder indígena que se chamava de Melquior (Saraman) que morava na Comunidade Indígena de Maturuca. Ele era um dos anciões que organizava suas comunidades reunindo seu povo na região e refletindo através da palavra de Deus para uma boa preparação da vida.

Na década de 60, o primeiro tuxaua foi o senhor Maximiano, filho de Francisco e de Cecília da Silva, formou uma nova comunidade do Morro. Assim os pais de família foram aumentando. A filha de Xamburé, chamda Maria, casou-se com um homem indígena de pedra branca por nome José Amoro que construiu sua casa em cima de um morro para sua moradia. Nesta ocasião, alguns dos invasores, garimpeiros e fazendeiros já estavam começando a ocupar a área das comunidades indígenas não só no morro, mas em toda região das serras. Um deles era João Firmino, que situou a casa na margem esquerdo do igarapé Xiwai, próximo da Comunidade Morro, a qual deu o nome Santa Tereza. Toda vez que o João Firmino viajava passava na casa de José, muito amigo de respeito tratava e chegava dizendo "ei compadre José do Morro".

Desde então a comunidade se acostumou com este nome Morro. Antes da chegada de não índios na região, os indígenas moradores deste lugar, chamavam de Mariitî na sua língua macuxi, devido ao lugar que tinha vários animais peçonhentos como escorpiões no barranco do Igarapé Xiwai.

O ancião, conhecia o lugar pelo nome onde até hoje existe um córrego chamado 'mariitî wítî, próximo da comunidade. O nome do morro foi a inversão do homem branco. Os indígenas viviam com tranquilidade trabalhando com suas famílias e individualmente em suas roças, pescando, caçando sem nenhuma preocupação,

única preocupação que eles tinham na parte da alimentação para alimentar suas famílias.

Dados Populacionais e Ambientais

Em relação a população da Comunidade Indígena Morro vem aumentando ao longo dos anos com esta nova história, pois as maneiras os modos de vida já estavam sendo modificados com o passar dos tempos. Dessa forma, a situação da comunidade vem cada vez mais se agravando na parte da administração das lideranças que ainda não consegue administrar o povo na organização social da comunidade.

Segundo tuxaua da comunidade foi o senhor Alfonso Amaro Ambrósio, que começou a trabalhar em nomeados dos anos 1980 e ficou até 1990. Ele assumiu o cargo para trabalhar junto com o povo e administrar os trabalhos e alguns projetos existentes na comunidade. Na sua gestão, conseguiu reabrir a escola Estadual na Comunidade do Morro. Não foi fácil para reabrir Escola: foi uma luta conseguir. Nesta época o capataz foi o senhor Luciano Mariano Lino, que organizava os trabalhos da comunidade. O tuxaua Alfonso faleceu em 1989, em Boa Vista.

O terceiro tuxaua foi o senhor Luciano Mariano Lino, filho de Francisco Lino e de Ana da Silva. Nessa época, ele começou a participar das reuniões junto com os tuxauas e conselheiros na região discutindo a respeito da Demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Durante o seu trabalho, ele realizou várias reuniões incentivando sua comunidade para a melhoria de vida em alto nível de sustentabilidade, participou das Assembleia Estadual e Regional de Roraima em Boa Vista. Assim, a estrutura social política da Comunidade Indígena Morro foi se organizando através do acordo discutindo para o bem estar de vida do povo em conjunto.

O quarto tuxaua foi o senhor Dionizio Galvão da Silva, filho de Leonel e de Martina da Silva também trabalhou organizando sua comunidade fazendo reuniões aconselhando os alunos participando das assembleias regionais e estadual, proporcionando a melhoria das comunidades para um bom funcionamento da saúde indígena, da escola e da organização política da comunidade. Ele ficou como tuxaua de 2001 a 2005.

O quinto tuxaua foi o senhor Modestino Amaro Ambrósio, filho de Alfonso Amaro Ambrósio e de dona Aguida. Ele trabalhou como tuxaua organizando e administrando a sua comunidade e dando conselhos aos jovens alunos da escola. Ele participou das lutas em defesa da Terra Indígena, das assembleias. Muitos problemas ele enfrentou durante a sua gestão, que durou de 2005 a 2011.

Assim em seguida em 2011 a 2017 assumiu o sexto tuxaua: Carlos da Silva, filho de João e de Leonilia, assumindo o cargo na comunidade para dar continuidade na organização com seu povo na parte da produção na roça, bem como participou das reuniões, das assembleias na região e discutindo para melhoria da comunidade e sobre organização política sócia da comunidade, e também administrando alguns projetos existentes na comunidade.

Quando foi 2017 a 2019 reassumiu novamente o cargo de tuxaua, senhor Modestino Amaro Ambrósio, que está tentando organizar a sua comunidade nos trabalhos comunitário e individual na produção, na criação de animais de pequena portes, procurando amenizar os problemas na comunidade na parte da educação e na saúde, dentre outros, atualmente é tuxaua da Comunidade Indígena Morro.

Coordenadores de Centro

A comunidade indígena Morro é composta por nove comunidades: Cutia, Angical, Aramú, Warapaata, Mutum, Central, Santa Tereza, Maracanã II e Sawí. Todas fazem parte do povo Macuxi. A região avaliou que era importante haver uma coordenação para oferecer apoio pedagógico a essas comunidades. Assim, foi criado o polo base. O primeiro coordenador do centro foi Luciano Mariano Lino. O segundo coordenador foi Agnaldo Francisco da Silva e seu vice, por alguns anos, foi o senhor Ildelir Bento Lima. Depois de Ildelir, o vice foi Inaldo Mariano da Silva, que permaneceu pouco tempo no cargo. Em seguida, o senhor Idelfonso, de Warapaata, assumiu como atual vice de Agnaldo Francisco da Silva. Eugênio também foi coordenador do centro por alguns anos. Em 1999, a comunidade de Morro foi reconhecida na região das Serras como centro e, desde então, é considerada o centro de nove comunidades. Todas essas comunidades são vinculadas ao Conselho Indígena de Roraima (CIR) e sempre participaram das lutas em defesa da demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. De acordo com as lideranças que participam dos movimentos indígenas, reuniões e assembleias são realizadas junto com tuxauas e coordenadores, que trabalham em parceria com as organizações indígenas e instituições não governamentais.

Meio Ambiente na Comunidade

A educação ambiental na comunidade do Morro é importante porque contribui para a melhoria da qualidade de vida do povo indígena Macuxi nos aspectos materiais, morais e espirituais. Ao conhecer melhor o meio ambiente, aprendemos a enfrentar os problemas que, cada vez mais, dificultam nossas vidas. Além disso, a educação ambiental contribui para a melhoria do processo de ensino, trazendo consciência sobre a realidade do nosso povo.

A comunidade tem uma visão de mundo que valoriza o entorno e as experiências cotidianas. Isso é essencial, pois há um grande desinteresse por parte dos jovens e adultos em relação à degradação ambiental. A

comunidade busca sensibilizar os indivíduos sobre a importância do uso sustentável do patrimônio cultural, histórico e ecológico, possibilitando o aprendizado por meio da vivência e do contato com a natureza.

Na comunidade, é necessário estimular os alunos a manterem bons hábitos, compreendendo seus próprios limites e potencialidades. Além disso, é fundamental desenvolver uma consciência ética que permita às pessoas entenderem e respeitarem mais a si mesmas e à natureza. Com o aumento da população, cresce também a quantidade de lixo gerado diariamente na comunidade indígena do Morro.

Cada família tem seu modo de se organizar dentro e fora de suas residências, zelando pela limpeza para evitar prejuízos à saúde. No entanto, o meio ambiente tem sido afetado pelo descarte inadequado de objetos como latas, ferro, plástico, entre outros. Esse problema é resultado da crescente presença de alimentos industrializados nas comunidades indígenas. Por exemplo, as garrafas PET não são reutilizadas porque a comunidade não sabe como reaproveitá-las.

Outro desafio enfrentado é a escassez de água para uso diário. Antes do aumento populacional, a água era suficiente, pois os moradores buscavam nos igarapés. Porém, com a instalação de poços artesianos, muitos deixaram de buscar água na cacimba ou nos igarapés, principalmente crianças e jovens. Hoje, a maioria das famílias possui encanção de água em suas residências. No entanto, algumas delas têm prejudicado os igarapés ao colocar mandiocas de molho para a produção de farinha, especialmente nos portos onde os animais utilizam a água como fonte de vida.

Conforme define a Conferência de Belgrado (1975) da UNESCO:

"É necessário formar uma população mundial consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas a ele relacionados, uma população que tenha conhecimento, competência, estado de espírito, motivações e um senso de responsabilidade que lhe permitam trabalhar, individual e coletivamente, para resolver os problemas atuais e impedir que se repitam."

Outro problema ambiental enfrentado pela comunidade é a queima de campos, matas, serras e buritizais, especialmente durante os períodos de seca. Muitas pessoas acreditam que essa prática é benéfica para o meio ambiente, mas, na realidade, ela causa grande prejuízo. Como consequência, animais como tatu, tamanduá, mambira, macaco-guariba, além de espécies de caça como veado, capivara e cutia, estão entrando em processo de extinção.

Todos os anos, esses tipos de destruição ambiental ocorrem na comunidade. Portanto, é fundamental incentivar a população a tomar medidas para reduzir esses impactos e preservar o meio ambiente para as futuras gerações.

Organização Social Política da Comunidade

A Comunidade do Morro, situada na região do Uiramutã, conta com os seguintes profissionais listados abaixo no Quadro 1.

Quadro 1: Lista dos funcionários

Dados dos funcionários	Quantidade
Professores Estaduais	16
Professores Municipais	02
AISAN	01
ACS	02
AIS	01

Fonte: Autoria própria, 2022.

A comunidade do Morro é um centro que atende nove comunidades indígenas adjacentes nas áreas de educação, saúde e segurança. São elas: Aramú, Cutia, Angical, Warapaata, Santa Tereza, Maracanã I e II, Central, Mutum e Morro. No centro do Morro, ocorrem assembleias, oficinas, cursos, reuniões e seminários. Todos os anos, no mês de novembro, entre os dias 7 e 10, as lideranças realizam assembleias para discutir e aprovar seus planos de trabalho para o ano seguinte.

IV. Material E Métodos

Primordialmente, a produção do material didático, com conhecimento relacionado ao artesanato, foi realizada com os estudantes do 6º ano da Escola Estadual Indígena Santa Terezinha. O objetivo principal foi valorizar a diversidade cultural e buscar estratégias para que os estudantes adquiram conhecimento por meio das práticas do artesanato e da língua indígena Macuxi.

Nesse processo, buscamos repensar uma abordagem para o ensino e aprendizagem dos alunos do 6º ano. Dentro dessa perspectiva, a diversidade cultural é fundamental para a formação dos estudantes, incentivando o diálogo e a colaboração com os demais membros da comunidade.

Com base nas pesquisas e no planejamento já construído, partimos para a execução da metodologia com os estudantes, iniciando pelo artesanato. Durante esse processo, os alunos demonstraram grande interesse, fazendo várias perguntas e se mostrando ansiosos para aprender e participar das atividades. Isso enriqueceu ainda mais as aulas, pois os estudantes queriam não apenas conhecer, mas também praticar e contribuir com seu próprio conhecimento. A maioria participou ativamente, aproveitando a aprendizagem ofertada pela escola.

Um dos desafios encontrados pelo professor acadêmico foi a falta de participação de alguns professores, que se recusaram ou omitiram-se de interagir com a atividade. Diante dessa situação, foram elaborados questionamentos direcionados aos professores, à comunidade e aos alunos. Algumas das reflexões levantadas foram: "O meu perfil de educador corresponde à prática em sala de aula?", "De que forma o conhecimento do artesanato contribui para a qualidade do ensino diferenciado na minha comunidade?". Essas perguntas foram direcionadas aos professores para que pudessem refletir sobre o seu papel na mediação do conhecimento e na realidade educacional da comunidade.

Em seguida, expliquei aos estudantes a importância de aprender e estudar a nossa realidade, bem como conhecer nossas práticas artesanais e culturais tradicionais. Além disso, utilizei conceitos das disciplinas de língua materna Macuxi, língua portuguesa e arte para aprofundar a compreensão da realidade local. Ressaltei que a arte e o artesanato fazem parte do cotidiano da nossa comunidade.

Também enfatizei que nós, professores e acadêmicos da universidade, não somos os únicos responsáveis pela educação. Como Paulo Freire ensina, "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediados pelo mundo". Dessa forma, abri espaço para que os estudantes pudessem trilhar seus próprios caminhos na busca pelo conhecimento, valorizando suas experiências de vida e a forma como praticam seus conceitos sobre o que é bom e ruim. Incentivei-os a reconhecer a importância da educação escolar indígena, que ocorre não apenas na escola, mas também na roça, na pescaria, nas assembleias e nas reuniões comunitárias. Além disso, destaquei que o conhecimento pode ser registrado em diferentes formatos, como livros e materiais educativos.

A maior motivação dos alunos no processo educativo foi a empolgação e a expectativa para a execução das atividades. Isso proporcionou um aprendizado significativo, despertando o interesse de cada um pelo artesanato. Após as ações iniciais, os estudantes queriam compreender melhor os diferentes tipos de artesanato. No entanto, alguns apresentaram dificuldades para desenvolver suas habilidades práticas e participar ativamente.

Com o tempo, os alunos começaram a se envolver mais nas atividades. Uma vez programadas as tarefas, expliquei a importância de compreendê-las e aceitá-las como parte do material didático. O artesanato não é apenas um produto, mas um processo que se transforma ao longo do tempo e que proporciona experiências, reflexões críticas e desenvolvimento de competências sociais.

Após essa abordagem, os alunos começaram a aprofundar seu conhecimento dentro do contexto escolar. Todas as atividades foram realizadas de forma prática e teórica, e em cada etapa foram feitas perguntas baseadas nas ações desenvolvidas nas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II. A execução das atividades teve resultados positivos, contribuindo para o desenvolvimento dos alunos e incentivando o aprendizado e o diálogo.

Para as pesquisas em campo na comunidade, utilizamos materiais como papel A4, lápis, canetas e borrachas. Também foi aplicado um questionário aos estudantes, o que se mostrou um desafio, mas fundamental para a realização do trabalho.

V. Desenvolvimento Da Proposta Na Escola Campo

Apresentação da Proposta Pedagógica para a Escola e Comunidade

Conforme minha pesquisa na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha, a presente proposta foi apresentada à comunidade local e também à gestora da escola citada. Este pequeno projeto foi uma boa iniciativa perante as lideranças dos anos passados, entre 2021 e 2022. Porém, a interação maior para a escolha do artesanato partiu de um olhar atento e da necessidade de compreensão da realidade da história da comunidade, dos professores e também da falta de interesse físico. Além disso, a falta de estrutura do prédio escolar contribuiu para os desafios enfrentados. Por essa razão, nos anos anteriores, com a chegada da COVID-19 e da pandemia, esse projeto teve maior dificuldade para ser executado com os alunos. Entretanto, no ano de 2022, apenas puderam começar a apresentá-lo e tomar a iniciativa de representar a continuidade das novas propostas pedagógicas.

Entrevistas com os Estudantes do 6º Ano Ensino Fundamental II na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha

Em primeiro lugar da entrevista, aplicado em uma breve explicação sobre as perguntas que iria ser aplicado. Logo e seguida foi escrito no quadro branco e foi entregue uma folha de papel A4 sem pauta, onde iriam fazer as seguintes perguntas:

1. Você sabe o que é arte indígena?
2. Você sabe quais são os artesanatos presentes na comunidade?
3. Você gostaria de aprender sobre arte e artesanato indígena? porque?

Diante destes questionários, podemos perceber que dentre 23 alunos, só apenas 10 conseguiram alcançar e compreender e responder, e os outros 13 com mais explicação conseguiram fazer. com isso todos responderam que eles sabem o que são os artesanatos presente na comunidade, apenas 10 responderam que sabem quais são os artesanatos presentes na comunidade. A terceira pergunta apenas 13 alunos gostariam de aprender sobre arte e artesanato, porque para eles já não existem mais artesanato na comunidade frequentemente, na vida cotidiana da comunidade.

Durante todos esses tempos todos responderam que não acham que a arte é uma perda de tempos, pois segundo os alunos, eles compreenderam o conteúdo que estudam e também são utilizados na vida cotidiana. Para os estudantes é importante ajudar nas confecções e venda dos seus pais, com seus avós e também ajuda na experiência dos seus tios ou irmãos aqueles que sabem trançar na comunidade.

Para a escola estadual indígena Santa Terezinha o artesanato é uma ferramenta importante para o ensino e aprendizagem dos alunos, vendo nesse contexto surgiu as seguintes perguntas: o seu professor de arte fazia leitura para você? 13 alunos disseram que sim, e outros dizem que não, com a justificativa de que tem intimidade que o seu professor de arte leia para tirar suas dúvidas.

Diante da proposta, se a escola estimula a arte com a leitura? Todos os alunos disseram que sim, mas não como eles queriam que fosse. Dentro desse desafio da pandemia, buscaram se para que os alunos interagissem com a arte com a leitura, como ensinamento de aprendizagem de diversos e, diversão.

Questionário para professores sobre arte e artesanato Indígena na Comunidade Morro

Diante da entrevista com os professores (a), da Escola Estadual Indígena Santa Terezinha, em primeiro momento aplicado às perguntas por meio de mensagem no celular, como seria a forma de responder. logo em seguida, as perguntas foram enviadas em formato de word, e entregue contendo as seguintes perguntas:

1. Você sabe o que é arte indígena?
2. Você sabe quais são os artesanatos presentes na comunidade?
3. Você gostaria de aprender sobre arte e artesanato indígena? Porque?

Em primeiro momento da entrevista a professora Genilza Paulo Cordeiro da etnia macuxi, como coordenadora pedagógica da escola , estadual indígena Santa Terezinha , afirma que dentro desse contexto durante a pandemia esses ano que passaram muitos alunos acabaram sendo prejudicados no que diz respeito no ensino e aprendizagem dos alunos principalmente nas leituras , pois , por conta disso na atividade remotas e semipresencial durante o período de quase três ano , os alunos de certa forma foram bastante prejudicados , isso levando vários outros fatores dos estudantes .

Diante disso, mencionou ainda que na primeira e a segunda perguntas dada na pesquisa que é muito importante trabalhar com as artes presentes na comunidade como: jamaxim, peneira, tipiti, abanano, colar e traje indígena, para trabalhar nas turmas na forma de prática na escola e comunidade. Segunda a coordenadora gentileza porque primeiramente são valorizados para as pessoas que gostam de artesanato tipo abano e um tipo de ventilador que abana as pessoas que estão passando mal e outros serve para abanar fogo disse ainda que essas importâncias de artesanato também outros artesanatos tem suas importâncias.

Para a coordenadora gentileza, ela mencionou ainda que foi feito um diagnóstico das turmas e a mesma constatou que tem uma grande deficiência de leituras na maioria das turmas, alunos empenho 6º ano não as sílabas, outros fazem leituras mais não tem avanços, e diante disso a realidade a primeira metodologia foi adotado um novo processo de planejamento. A coordenadora pedagógica gentileza, conclui que nesses três anos de pandemias os estudantes ficaram com maior perda de aprendizagem, na escola e em casa.

Após, foi entrevistado o vice-diretor professor Gerocildo Martin Level da etnia macuxi formado em CS, com as mesmas perguntas anteriores.

Disse que no seu ponto vista que as artes são diferentes maneiras de domínio e técnicas que propiciam objetivos e produtos a partir do conhecimento adquirido seja pela necessidade ou por meio de exigências das pessoas por meio de cultura. Comentou ainda que a arte indígena é uma ferramenta de domínio cultural milenares concretizadas por criatividade e manuseio conforme essa necessidade levando em consideração a vida e a natureza. disse ainda que sabe principalmente utensílios básicos de uma família, como: jamaxim, tipitir, peneira, abano, balde, colares, flecha, arcos traje indígena e outros.

Em seguida, na terceira pergunta, falou que é muito importante a arte indígena na comunidade e que pretende se esforçar para aprender com os mais velhos e os artesãos da comunidade local, para ter domínio e técnicas destas modalidades. Por fim disse que pretende aprender e valorizando com as pessoas que preserve os conhecimentos habilidade e a maneira de como agir no meio ambiente e território em que vivemos. valorizou ainda que a arte indígena é entender a realidade de um povo e as suas ações.

Entrevista com o Membro da Comunidade

Primordialmente, a entrevista com o membro da comunidade, foi convocado apenas um membro ancião da comunidade onde destacou as seguintes perguntas:

1° você sabe o que é arte indígena?

2° você sabe quais são os artesanatos presentes na comunidade?

3° você gostaria de aprender sobre arte e artesanato indígena? Porque?

Em primeiro momento da entrevista foi um senhor ancião e ex-coordenadores dos tuxauas da comunidade; senhor LUCIANO MARIANO DE LINO, da etnia macuxi morador da comunidade MORRO (Marítí). Na primeira e segunda perguntas ele menciona que sabe e conhece quais são as artes dentro da comunidade como: jámaxim, tipitir, peneira, abano, flecha, arco, e colares, traje indígena, e outros. mencionou ainda que está desaparecendo a cultura de arte indígena na comunidade, que os alunos que estão na escola, não sabem trançar e mesmos como é feito, e que falta de interesse dos e professores colocar em prática o aprendizado da arte, para o melhor do ensino das crianças com a arte artesanato na escola e comunidade local.

E na terceira e últimas perguntas o mesmo respondeu que o aprender a arte ele já sabe e que não precisa mais aprender ,porque foi ensinado pelo seu pai desde sua infância com costume tradicional de sua realidade .mencionou ainda que além disso essa arte que tem ao nosso redor não está sendo valorizado ,por causa da nova tecnologia que prejudica o meio de construção ,que chegou na comunidade ; Além disso comentou e mencionou ainda que no seu ponto de vista disse que conhece as arte ,e o mesmo é mestre nessa parte profissional sobre aprender a arte artesanato na vida cotidiana, porque é muito importante prática na escola , motivando as crianças para trabalhar com a arte . concluiu ainda dizendo trabalhar com arte foi parte principal que aprendeu para si mesmo, onde tira o seu sustento de confeccionar para a venda no seu dia-a-dia do seu futuro melhor, onde a vida ofereceu a oportunidade de saber construir e conviver com a natureza ao9 seu cotidiano.

Trabalho na Turma do 6° ano do Ensino Fundamental II, em Sala de Aula

Durante os primeiros trabalhos iniciaram com a apresentação da pequena proposta pedagógica. Logo em seguida, iniciou-se com a leitura sobre as arte e obras de alguns artistas indígenas, como também de alguns membros da comunidade. Em seguida foi trazido as exposições dos materiais em desenhos que os alunos fizeram como a seguir nas ilustrações da figura 1.

Figura 1: Exposição dos materiais em desenhos que os alunos



Fonte: Autoria própria, 2024.

Resumo Detalhado sobre o Artesanato na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha

Na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha, localizada na Comunidade Morro, os alunos do 7º ano estão envolvidos em um projeto educativo que utiliza o artesanato como uma ferramenta central para a preservação e valorização da cultura indígena. Este projeto visa integrar os saberes tradicionais ao currículo escolar, proporcionando uma educação que é culturalmente significativa e que reforça a identidade dos estudantes com sua herança indígena.

Durante o ano letivo, os alunos participaram de diversas atividades que combinaram o aprendizado teórico com a prática artesanal. Sob a orientação dos professores e com a participação ativa dos anciãos da comunidade, os estudantes aprenderam a confeccionar uma variedade de peças artesanais utilizando técnicas tradicionais que foram transmitidas de geração em geração. Entre os itens produzidos, destacam-se cestarias, colares, pulseiras, utensílios domésticos e objetos rituais, todos confeccionados a partir de materiais naturais encontrados na região, como fibras vegetais, sementes, madeira e argila.

Essas atividades não só permitiram que os alunos desenvolvessem habilidades manuais e criativas, mas também serviram como um veículo para a transmissão de conhecimentos sobre a história, a cultura e as tradições da comunidade. Ao trabalhar diretamente com os materiais e técnicas tradicionais, os alunos foram introduzidos a conceitos importantes como sustentabilidade, uso consciente dos recursos naturais e a importância de preservar o meio ambiente, que são valores profundamente enraizados na cultura indígena.

Além da produção artesanal, os alunos também se engajaram em atividades de pesquisa e documentação, onde exploraram a história e o significado cultural dos objetos que estavam criando. Eles entrevistaram os mais velhos da comunidade para aprender sobre os mitos, as lendas e as histórias associadas a cada tipo de artesanato, e registraram essas informações em forma de relatos e apresentações. Este trabalho de pesquisa não só aprofundou o conhecimento dos alunos sobre sua própria cultura, mas também contribuiu para a criação de um acervo cultural que poderá ser utilizado por futuras gerações.

Outro aspecto importante do projeto foi a ênfase na preservação da língua indígena. Muitas das aulas de artesanato foram conduzidas na língua nativa, o que permitiu aos alunos praticar e reforçar seu vocabulário e fluência em um contexto significativo. A transmissão oral de conhecimentos, que é uma característica marcante das culturas indígenas, foi mantida viva através dessas práticas, assegurando que a língua e os saberes tradicionais continuem a ser uma parte ativa da vida cotidiana dos estudantes.

O projeto de artesanato na Escola Estadual Indígena Santa Terezinha, portanto, foi muito além da simples criação de objetos; ele se configurou como uma prática educativa que fortaleceu a identidade cultural dos alunos, promoveu a valorização dos saberes tradicionais e contribuiu para a preservação da cultura indígena. Ao envolver os estudantes em todas as etapas do processo, desde a produção artesanal até a pesquisa e documentação, a escola garantiu que eles não só aprendam sobre sua herança cultural, mas também se tornem guardiões ativos dessa herança, preparados para transmiti-la às futuras gerações.

Essa iniciativa é um exemplo de como a educação pode ser usada como uma ferramenta poderosa para a preservação cultural, ao mesmo tempo em que prepara os alunos para enfrentar os desafios do mundo moderno sem perder de vista suas raízes. Ao integrar o artesanato ao currículo escolar, a Escola Estadual Indígena Santa Terezinha não só enriquece o processo de ensino-aprendizagem, mas também desempenha um papel crucial na preservação das tradições culturais da Comunidade Morro.

VI. Considerações Finais

É possível verificar que há uma análise acerca do processo da realização das atividades em relação ao diagnóstico da escola e da comunidade indígena do morro entre o período de maio a março de 2020. Tem sido um dos grandes primeiros desafios para realização do estágio curricular supervisionado no caderno um (1).

Dessa forma, a estrutura do caderno um foi elaborada com a colaboração e participação dos alunos do 6º anos alguns pais de famílias da comunidade que contribuíram de forma resumida, fizemos uma descrição sobre a história da comunidade do morro e histórico da escola Estadual Indígena Santa Teresinha. O formador e orientador desta etapa foi o professor Maxim e a professora Isabel Godinho Fonseca é quem direcionou os trabalhos para os acadêmicos do curso da Licenciatura Intercultural da área de habilitação comunicação e artes-CA. Durante o ano letivo de 2020, fizemos ótimos pesquisas com alguns anciões da comunidade fazendo perguntas sobre história da comunidade e da escola.

Concluiu-se afirmando que, as estratégias praticadas durante o trabalho, possibilitam a construção de estabelecer novos diálogos que proporcionem sobre novas práticas e novos saberes para que a aprendizagem tenha sentido, tenha problematizadora, questionadora, reflexiva e busque a soluções para os problemas que a escola e comunidade enfrentam economicamente, socialmente, culturalmente e na vida diária.

O presente trabalho de pesquisas e levantamentos de dados foi constituído por meio de estudo e reflexão no desenvolvimento situacional da escola estadual indígena Santa Terezinha e da comunidade Morro. No decorrer do processo de pesquisa não foi fácil buscar as informações na vida diárias, mas foi uma prática de conhecimento.

Referências

- [1] Ausubel, D. P. *The Psychology Of Meaningful Learning*. New York: Grune & Stratton. 2003.
- [2] Barbosa, A. M. *Educação E Arte: Interface Entre Cultura E Pedagogia*. São Paulo: Cortez. 2006.
- [3] Candau, V. M. F. *Educação Intercultural: Experiências, Teorias E Práticas*. Rio De Janeiro: Vozes. 2011
- [4] Freire, P. *Pedagogia Da Autonomia: Saberes Necessários À Prática Educativa*. São Paulo: Paz E Terra. 1996.
- [5] Gatti, B. A. *Educação E Cultura: Desafios Contemporâneos*. Brasília: Mec. 2018.
- [6] Vygotsky, L. S. *Mind In Society: The Development Of Higher Psychological Processes*. Cambridge: Harvard University Press. 1978.